



DOUTORADO SANDUÍCHE, UMA ENCRUZILHADA DE EXPERIÊNCIAS E DILEMAS

Osniel Paulo Insali – UnB

Relatos de Experiência Internacionais e Redes de Pesquisa

1. INTRODUÇÃO

A modalidade e os propósitos desta comunicação sugerem iniciar o texto explicitando e/ou justificando a escolha do título. Assim, destaco que ele foi definido com base na intenção de nomear esta escrita a partir de termos e conceitos que realmente a caracterizem e façam jus à natureza de um relato autobiográfico.

Portanto, caro leitor, não se surpreenda se a linguagem, os conceitos e a organização das ideias não seguirem os moldes convencionais, pois este é um exercício de desobediência epistemológica. A pretensa objetividade da ciência positivista tem sido um obstáculo para a expressão de sujeitos atravessados por experiências que, em geral, não encontram espaço de fala na linguagem acadêmica (Matos-de-Souza, 2021).

Como exercício de desobediência epistêmica, início este texto na primeira pessoa, rompendo a dicotomia sujeito/objeto por duas razões: a primeira, pela impossibilidade de desvencilhar-me da minha condição de pesquisador negro; e a segunda, pela necessidade de incluir elementos humanos no contexto da pesquisa acadêmico-científica — como sentimentos e emoções — que também orientaram minha estadia e vivência de pesquisa em Portugal.

O conceito de encruzilhada, aqui, é compreendido tanto em seu sentido literal — o cruzamento de dois ou mais caminhos — quanto em seu sentido simbólico, ao representar o dilema de um pesquisador que se aventura em terras estrangeiras. O período de doutorado sanduíche em Portugal configurou-se como um movimento entre três geografias: a África, pela minha origem (Guiné-Bissau); a América, pela sede do Programa de Pós-Graduação onde curso o doutorado (Brasil); e a Europa, como lócus da pesquisa (Portugal).



Este relato de experiência insere-se no âmbito do Programa Abdias Nascimento/Capes, resultado da parceria entre quatro Instituições de Ensino

Superior brasileiras: a Universidade de Brasília (Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania – PPGDH), a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Programa de Pós-Graduação em Ensino – POSENSINO), a Universidade Federal do Semi-Árido e o Instituto Federal do Rio Grande do Norte. Coordenado pelo professor Dr. Guilherme Paiva (UERN), o programa tem como objetivo promover, por meio de bolsas de mestrado e doutorado sanduíche, a inclusão de estudantes autodeclarados pretos, pardos, indígenas, quilombolas, pessoas com deficiência e pessoas com transtornos globais do desenvolvimento.

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Os dilemas aos quais me refiro envolvem desde o deslocamento para Portugal — deixando casa, família e hábitos alimentares — até os desafios de conciliar sentimentos, emoções e os objetivos propostos no projeto de pesquisa.

A receptividade ao trabalho também merece destaque, especialmente quanto à forma como a proposta de pesquisa foi acolhida. Meu estudo propunha discutir questões étnico-raciais em Portugal, tema que, como pude observar ao longo dos dez meses de estadia e pesquisa, não é amplamente bem-vindo no país. Segundo Maeso (2021), o argumento recorrente é que a experiência do nazismo teria moldado, na Europa, uma compreensão de “raça” diretamente associada à biologia; por isso, falar sobre raça seria, de antemão, considerado racismo.

Essa visão se traduz em tentativas de substituir a discussão racial pelo conceito de diversidade cultural, apoiando-se, inclusive, em documentos da UNESCO que privilegiam o debate sobre diversidade cultural em detrimento da diversidade racial (Arruti, 2014).

Outra resistência observada diz respeito ao uso da primeira pessoa na escrita acadêmica, sob o argumento de que o pesquisador deve manter distanciamento do objeto de estudo, evitando “contaminar” a pesquisa com subjetividades.



Além disso, surge um dilema importante: como realizar uma pesquisa crítica sobre o país em que se está inserido? Falar sobre racismo em Portugal, estando em Portugal, foi interpretado por alguns como uma tentativa de “falar mal” do país. Essa leitura ignora que problemas sociais são, muitas vezes, os pontos de partida das investigações acadêmicas. Em outras palavras, circunstâncias pessoais, políticas, sociais e econômicas influenciam a formulação de um problema de pesquisa. Nenhum texto é neutro — especialmente quando se trata de um pesquisador negro discutindo questões raciais.

Outro obstáculo enfrentado foi a dificuldade de conseguir entrevistados. Apesar de várias tentativas, não obtive sucesso. Minha interpretação é que, além da falta de tempo típica das dinâmicas urbanas, muitos interlocutores não reconheciam a relevância da pesquisa ou não percebiam seus possíveis impactos em suas vidas — “o que ganho com isso?”. Mesmo após explicar o caráter social do estudo, a adesão foi baixa.

Falar sobre raça, racismo, discriminação e desigualdade étnico-racial em Portugal, em pleno século XXI, implica revisitar as memórias da escravidão, da colonização e de outras formas de opressão que, em vez de desaparecer, apenas assumiram novas roupagens. O cotidiano dos grupos racializados no país revela que as relações assimétricas de poder entre a Europa e o “além-mar” persistem. Como afirma Grada Kilomba (2020) em Memórias da plantação, o racismo cotidiano é uma reencenação do passado colonial.

Não posso deixar de relatar um episódio de discriminação racial vivido durante essa experiência: fui impedido de entrar em uma discoteca sob o argumento de que apenas “clientes habituais” poderiam entrar. Estava acompanhado de um colega negro. Em uma segunda tentativa, também acompanhado — inclusive de uma jovem branca que nunca havia frequentado o local —, o segurança repetiu a justificativa, apontando especificamente para mim. Questionei se ele realmente conhecia todos os “clientes habituais”, já que a moça também era nova ali. Por que foi mais fácil me identificar como o não habitual? Essa situação revela a interseção entre raça e espaço.



3. RESULTADOS/APRENDIZADOS

Como se espera de uma mobilidade acadêmica, o doutorado sanduíche proporcionou a **criação e o fortalecimento de redes de pesquisa e extensão universitária**, além da participação em eventos acadêmicos e culturais, apresentações de trabalhos e trocas de experiências com pesquisadores de Portugal e Espanha.

A colaboração com a professora **Conceição Leal** (orientadora na Universidade de Évora) incluiu a participação em aulas do Mestrado em Ciências da Educação e o trabalho voluntário na organização do *Encontro Nacional de Práticas Pedagógicas no Ensino Superior 2025*. Em uma dessas aulas, dialoguei com pesquisadoras espanholas sobre a **ética na formação docente** nos currículos da educação infantil e primária na Espanha.

Outro momento marcante foi minha participação no **XXXII Colóquio AFIRSE Portugal 2025**, promovido pela *Associação Francófona Internacional de Pesquisa Científica em Educação*, na Universidade de Lisboa, entre 6 e 8 de fevereiro de 2025. O evento, cujo tema foi *Educação e Trabalho: desafios e incertezas no século XXI*, permitiu-me apresentar o trabalho “*Pensar a relação entre democracia e educação a partir da decolonialidade*” e receber valiosas sugestões.

Participei ainda da **I Conferência Luso-Brasileira: Interculturalidade na Universidade Pública**, realizada entre 11 e 13 de fevereiro de 2025, na Universidade de Évora, da qual também fiz parte da comissão organizadora. O evento promoveu um rico intercâmbio entre pesquisadores brasileiros e portugueses. Nele, apresentei minha proposta de pesquisa sobre **interculturalidade e raça**, que busca compreender em que medida as políticas de educação intercultural em Portugal incorporam as questões étnico-raciais.



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomo, nas considerações finais, alguns desafios que nortearam minha pesquisa em Portugal, como a dificuldade de contato com instituições dispostas a colaborar. Minha proposta inicial — discutir políticas de educação intercultural e questões étnico-raciais — não foi acolhida pela instituição escolhida, o que inviabilizou sua execução e me obrigou a reformular o projeto. Mesmo assim, o obstáculo não me desmotivou. Continuei empenhado em discutir a temática racial no contexto português, resultando em uma nova proposta de pesquisa, que hoje constitui o texto em andamento da minha tese de doutorado: **“Debate em torno de raça e racismo em Portugal: antirracismo versus discriminação e desigualdade étnicoracial.”**

O objetivo é desenvolver uma análise sobre as problemáticas de raça, racismo e desigualdades raciais, relacionando-as à ausência de debates sobre essas questões, especialmente diante da resistência em incluir o marcador “raça” nos censos populacionais portugueses.

Diante das experiências vividas e observadas durante minha estadia, busco contribuir para desconstruir a narrativa segundo a qual **“Portugal não é um país racista; racistas são os outros”** — uma ideia sustentada pelo mito da brandura e da convivência interracial harmoniosa.

REFERÊNCIAS

ARRUTI, José Maurício. **Etnicidade**. In: *Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa*. Org. Livio Sansone; Cláudio Alves Furtado. EDUFBA, 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, 2020.

MAESO, Silvia Rodrigues. Repensar o estudo do direito através das lógicas de institucionalização do racismo. In: **O Estado do Racismo em Portugal: Racismo antinegro e anticiganismo no direito e nas políticas públicas**. Org. Silvia Rodrigues Maeso. Tinta-da-china, 2021.

MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo. **A desobediência epistemológica da pesquisa (auto)biográfica**: outros tempos, outras narrativas e outra universidade. Revista da UFG, Goiânia, 2021.